

Relatório sobre a Escola Tapirapé

Os índios Tapirapé vivem no nordeste do Mato Grosso próximo à foz do Rio Tapirapé.

A população tapirapé atualmente é de 150 pessoas, havendo alguns casados com Carajá. Há um posto da Funai a 2 km. da aldeia Tapirapé localizado junto a uma aldeia Carajá.

Há 26 anos as Irmãzinhas de Jesus estão morando com os Tapirapé. Nós chegamos lá em fevereiro de 1973 e no final do mesmo ano iniciamos as aulas.

A escola chegou à aldeia trazida pela Missão para atender a uma solicitação dos próprios índios.

Embora façamos um esforço para respeitar e mesmo compreender a Cultura Tapirapé, nós sabemos que a escola acarreta interferências na cultura.

Quais são então as implicações da escola na vida Tapirapé?

É isto que estamos procurando esclarecer, e este relatório traz alguns dados para a gente refletir.

Obs:- A palavra "tori" que aparece várias vezes no relatório significa "o não índio" ou aquilo que não se refere ao índio.

## 1. O porque da presença da escola na aldeia Tapirapé.

A Igreja esteve presente no Tapirapé, por muito tempo, através das Irmãzinhas e do Pe. Jentel, sem que fosse criado lá uma escola formal. Mas, com o tempo e com a intensificação do contacto com a sociedade envolvente, os próprios Tapirapé começaram a exigir a escola. Tentativas feitas tanto pela Missão, como pela Funai para resolver o problema, foram de pouca durabilidade, até que em 1972 a Missão assumiu o compromisso de no ano seguinte iniciar a alfabetização na aldeia.

Os Tapirapé, ao pedirem a escola alegavam razões como:

- "Nós queremos aprender para saber igual ao tori".
- "Nós queremos saber para defender das explorações do tori"

Da nossa parte também achávamos que a alfabetização seria um meio de defesa dos Tapirapé contra os tori, e que através da escola poderíamos fazer um trabalho de incentivo à revitalização da Cultura Tapirapé. Víamos ainda a escola como um instrumento de conscientização dos Tapirapé diante da situação de opressão sofrida por todos os povos indígenas e da política indigenista oficial.

## 2. Organização da Escola.

### 2.1. Os alfabetizadores

Quando concordamos em ser professores dos Tapirapé pouco sabíamos da problemática indigenista e muito menos o que era educação do ponto de vista Tapirapé. Chegamos na aldeia com a intenção de iniciar imediatamente a alfabetização em português, já que não conhecíamos a língua Tapirapé. Porém logo sentimos que sem conhecer a realidade daquele povo, um trabalho de alfabetização não seria possível. Essa necessidade determinou o adiamento do início das aulas.

Nesse tempo de espera (8 meses) estudamos a língua o suficiente para termos algumas noções de sintaxe, dos fonemas e vocabulário. Por outro lado fomos também percebendo melhor o modo de ser indígena. Esse tempo de contacto mudou a nossa perspectiva: decidimos juntamente com os futuros alunos que a alfabetização não mais seria em português e sim em Tapirapé, embora o nosso conhecimento da língua fosse muito reduzido. As irmãzinhas ajudaram para que essa decisão fosse tomada, e inclusive uma delas pesquisadora da língua Tapirapé muito nos auxiliou.

### 2.2. Material didático

Decidida a língua em que a alfabetização seria feita, passamos

a preparar o material didático de acordo com o método que seria usado.

Havia sido elaborada anteriormente uma pesquisa em função da escola Tapirapé. Nessa pesquisa foram levantados os temas básicos da Vida Tapirapé:

- A TRIBO - A ALDEIA - o trabalho, a roça, a mata, as terras, a reserva, o trabalho remunerado, o dinheiro, o artesanato.

- O LAZER - as danças e festas, a pesca com o timbó; viagens e passeios, caçadas, as danças tori, os jogos do tori (futebol etc).

- A COMUNIDADE - as famílias, os trabalhos comunitários, o espírito comunitário.

- ALIMENTAÇÃO- a roça, a pesca, a caça, criações e plantações domésticas, o gado dos Tapirapé.

- SAÚDE - os tabus, os feitiços karajá, xamanismo, os remédios "civilizados", o contágio, a higiene.

- O CONTATO COM OUTRAS PESSOAS - o contato com outros índios, o kaiapó, o sentido histórico, o "mito kaiapó".

- O Karajá, intermediário no contacto com o tori, as doenças, o alcoolismo, os feitiços, a indolência karajá.

- O contato com o tori, tipos de tori, os de fora: turistas; o "morador"- sertanejo, posseiro; o peão fugido das companhias; a Missão - irmãs, padres, professores; a Funai- o Governo.

- Consequências do contato - a imitação, o espírito "turista", a exploração do Tapirapé pelo tori, a aculturação respeitosa.

Desses temas foram retiradas as palavras geradoras que seriam usadas na alfabetização. Assim:

tãwa .....aldeia  
takãra.....casa dos homens  
ximapo....pescaria coletiva feita com timbó  
maxirõ....mutirão  
mani'aka..mandioca  
xepaynga..meu remédio  
hynha.....dente  
pãxê.....pajé  
mãira.....o branco

Essas palavras contém todos os fonemas da língua Tapirapé e foram estudadas numa ordem progressiva de prováveis dificuldades.

A ortografia adotada foi a mais próxima possível do português. não termos preparo linguístico adequado retiramos das grafias já

existentes a que parecia mais prática para o Tapirapé. Atualmente estamos introduzindo algumas modificações que vão tornar a grafia ainda mais prática e cientificamente mais exata. Inclusive os próprios alunos já estão em condições de opinar sobre isto.

### 2.3. Divisão das turmas-

Inicialmente os que se apresentaram para estudar (quase a metade da população da aldeia) foram separados em 3 turmas:

-Uma turma de crianças - meninos e meninas a partir de 8 anos até 12 anos, sendo a maior parte de pré-adolescentes.

-Para os adultos houve a necessidade de separação por sexo, segundo critérios apresentados por eles mesmos: a mulher não pode ir estudar a noite por causa dos filhos; vergonha dos rapazes frente às mulheres e medo de dar brigas por causa de ciúmes.

Assim ficou a turma das crianças na parte da manhã, a das mulheres à tarde e a dos homens ao anoitecer. Cada período funcionando aproximadamente 2 horas por dia.

### 2.4. Funcionamento da escola:

Local- funciona numa antiga capela. O mobiliário é tori: mesas, bancos, quadro-negro.

Calendário Escolar- O "calendário" tapirapé é respeitado ao máximo. Quando há uma caçada programada, o professor vai junto com os homens na caçada. Do mesmo modo a escola pára quando há festas dos Tapirapé, ou quando as famílias mudam-se para a roça nas épocas de plantio e colheita. Não foi estabelecido "tempo" determinado para assimilação do aprendizado. O critério para se avançar é a aprendizagem obtida pelo conjunto dos alunos. Assim não há avaliações por meio de "provas", nem notas, nem promoções "por ano".

Frequência- a frequência é livre. Há os que são mais assíduos perdendo a aula só em último caso. Outros já faltam mais, às vezes sem motivo justo aparente. Para as mulheres torna-se muitas vezes difícil a assiduidade constante por causa de longos períodos pré e pós partos, ou mesmo obrigações familiares de cozinhar, por exemplo.

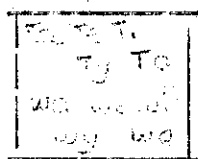
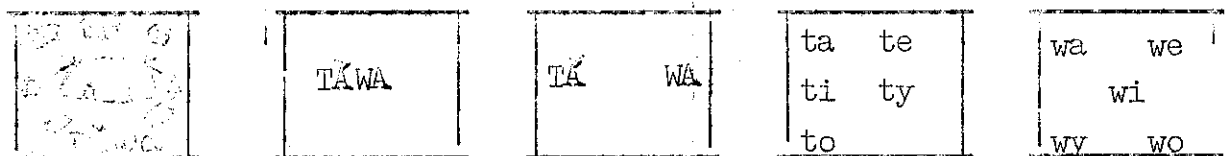
O comportamento dos alunos durante a aula é bastante espontâneo, com total liberdade de movimentos. Por exemplo: se a criançada está na aula e chega alguém gritando que há porcos queixada por perto e chamando os homens para irem matá-los, toda a população da aldeia se movimenta e a meninada sai da aula para participar.

### 2.5. Funcionamento do Método.

## 2.5. Funcionamento do Método-

Foram preparados os Slides com as palavras geradoras em Tapirapé. As fotografias foram obtidas na própria aldeia.

Para cada palavra foi preparada uma sequência de slides, assim:



Na apresentação do 1º slide discutiu-se sobre a aldeia, quem morava nela, porque moravam ali, de onde vieram, procurando caracterizar as pessoas da aldeia

como um Povo, possuidor de um costume, uma cultura e um jeito próprio de viver, diferente de outros povos: O POVO TAPIRAPÉ.

Depois da discussão passa-se para a leitura e memorização da palavra e posteriormente das sílabas. Por fim o último slide com todas as famílias silábicas da palavra - serve para a descoberta de novas palavras com o mesmo quadro de sílabas.

Na palavra mani'aka (mandioca) a discussão partiu do assunto alimentação. Daí surgirem outros temas muito importantes como a roça, a mata, os rios, a terra tapirapé, a invasão dos tori.

### 2.5.1. Avaliação do funcionamento do método.

Uma primeira observação a fazer: as palavras geradoras eram na língua tapirapé, as discussões eram em português. Na aula dos homens as discussões foram bastante boas, com participação de todos. Na aula das mulheres e das crianças a participação foi mais limitada justamente por causa do vocabulário mais restrito do português.

Apesar disso, consideramos o saldo positivo, já que os temas de discussão atingiam questões vitais na situação atual de contato do povo tapirapé com a sociedade nacional.

Durante o tempo da alfabetização o que realmente aconteceu foi um aprendizado mútuo: os tapirapé aprendiam a escrever e nós ampliávamos o nosso vocabulário na língua deles, ao mesmo tempo um aprofundamento na vida tapirapé ia se dando para nós. Não tínhamos a intenção de educar através da escola, principalmente porque a maioria era constituída de adultos. A alfabetização era de fato a transmissão de

de uma técnica de escrita.

Com a progressão dos vários temas de discussão pudemos descobrir alguns erros, tanto de grafia como de semântica no material elaborado para a alfabetização. Por ex., a palavra takãra (casa dos homens) escrevemos primeiramente com n - takãna, porque os não-tapirapé sempre a escreveram assim. Mas os próprios alunos índios se encarregaram de corrigí-la mudando a grafia para r - takãra.

Na discussão do tema lazer, usamos a palavra ximapo (pesca coletiva com timbó). Porém o Tapirapé, como os outros povos indígenas tem uma concepção bem diferente do tori, do que seja o lazer. O ximapo não é uma pescaria de fim-de-semana, mas uma atividade de subsistência realizada num clima de diversão, como as outras atividades dos Tapirapé. As palavras geradoras escolhidas para a alfabetização foram no geral, bastante ricas em relação às discussões e conscientização, destacando-se as que trataram dos assuntos mais prementes, como mani'aka - mandioca, usada no tema Alimentação - roça - Terra.

#### Aproveitamento-

À medida que a alfabetização avançava algumas pessoas foram desistindo de frequentar as aulas. Primeiro os mais velhos, depois alguns jovens também. Os homens adultos (40 a 50 anos) saíram alguns por problema de vista. Outros por causa do jeito da escola mesmo: as discussões eram em português, o professor falava em português, etc. Alguns rejeitavam claramente os traços importados da grafia tori: quando tentavam copiar alguma coisa seus traços eram geométricos, mais próximos da linha grega dentro do seu padrão cultural.

Várias mulheres com maiores responsabilidades domésticas dentro da organização familiar extensa saíam da escola devido às suas ocupações.

Sentido direcional diferente do tori: - pudemos notar também que várias atividades manuais dos Tapirapé são feitas no sentido contrário ao do branco, como por exemplo o modo de trançar, de fiar o algodão, tecer, etc.. Todas essas atividades são feitas da direita para a esquerda. Assim na escola violenta-se essa tendência, pois no caderno escreve-se da esquerda para a direita.

Por causa das características do método usado na alfabetização e por causa também do pouco conhecimento que tínhamos da língua tapirapé, no início nos prendemos muito em ensinar a escrever e a ler as palavras. Isso estava freiando o desenvolvimento da escola ao ponto de não sabermos bem como prosseguir. Este impasse foi superado quando pedimos aos Tapirapé que discutissem em sua própria língua os quadros ou slides apresentados, e depois escrevessem sobre aquilo que foi conversado. O resultado foi surpreendente, houve um salto que não esperávamos. Embora alguns escrevessem apenas 1 ou 2 linhas, outros conseguiam redigir uma página inteira sobre o assunto tratado.



De um modo geral a escola foi bem assumida pelos que permaneceram nela ao ponto de reclamarem quando não damos aula. O aproveitamento é lento, mas não vemos outro modo de acelerá-lo sem violentar o ritmo de vida tapirapé.

## 2.6. Continuidade-

Na etapa que se seguiu à alfabetização propriamente dita começou o ensino de matemática. Conhecimento dos números e 4 operações foi basicamente o conteúdo deste ensino. A matemática respondeu a uma necessidade concreta e imediata dos Tapirapé: saber contar para poder fazer compras, vender artesanato, etc. A dificuldade maior encontrada é como tornar a matemática menos abstrata, pois o uso de números é muito restrito entre eles.

## 2.7. O ensino de português - situação sócio-linguística dos Tapirapé

Encontramos na aldeia Tapirapé uma situação sócio-linguística variada:

- falantes só de tapirapé
- falantes de tapirapé e português
- falantes de tapirapé e karajá
- falantes de karajá e português

O português falado é carregado de interferências. Quem o fala mais são os jovens, notadamente os rapazes. Os Tapirapé falam o português para se comunicar com as Irmãzinhas, com os professores. Também falam entre si, nos jogos introduzidos pelo tori (futebol, volei), ou quando querem imitar o tori imonizando-o. As crianças também usam muito o português quando brincam imitando atividades próprias do tori, como por ex. de vaqueiro. Durante a aula dos adultos a comunicação conosco é feita em português. Entretanto na aula das crianças fazemos um esforço de falar sobretudo em Tapirapé. O português é usado ainda na comunicação com os karajá e tori em conversações normais e nas transações comerciais.

A realidade linguística tapirapé é de profunda diglossia. O português é efetivamente a língua do dominador e falar bem o português é aspiração da maioria. Nós da Missão por muito tempo não percebemos esta realidade. Inclusive contribuimos para que ela se mantenha. O compromisso de aprender o tapirapé foi sempre relegado a um segundo plano em benefício de outras atividades. Dentro dessa realidade sofremos muita pressão da parte dos alunos para que se começasse logo o estudo do português.

Iniciamos com treinamentos de português oral. Para o ensino do português escrito usamos o mesmo método usado para a alfabetização em Tapirapé. Os temas geradores também foram os mesmos, porém algumas palavras traziam uma nova discussão, como:

- Fazenda - o problema das grandes Companhias invadindo a região e expulsando posseiros e índios.
- Cachaça - o problema do alcoolismo.
- Peão - o trabalhador sertanejo ou índio escravizado nas fazendas.

O português que ensinamos é uma fala correta, diferente do português falado por eles. O ensinado por nós visa a corrigir o falado por eles, que é cheio de interferências e considerado de um modo quase depreciativo. Isso não nos parece ter sido a atitude mais correta.

### 2.7.1. Avaliação do Ensino de Português.

Ensinando o português nos sentimos à vontade, pois era a nossa língua. Os textos surgiram mais fáceis. Fomos adaptando notícias de jornais, lendas dos Tapirapé e de outros povos indígenas etc. como material de leitura.

A criatividade dos Tapirapé porém foi diminuindo. Eles estão limitados pelo vocabulário e pela grafia do português, complicada e incoerente. Por isso na escola conseguem produzir pouca coisa em português. Fora da escola produzem com mais liberdade: pequenos bilhetes, etc. e aí surge o português que realmente falam, com todas as interferências. Por exemplo, um tapirapé escreveu Pati Pedu numa carta escrita ao Padre Pedro. O t e o d para eles é um fonema só.

À medida que o português foi avançando nós fomos deixando de lado o Tapirapé. Com isso os alunos foram se esquecendo de como escrever em sua própria língua e também sem conseguir aprender bem o português. E nós regredimos também no aprendizado do Tapirapé

Esse afastamento da língua não foi intencional nem programado. O recuo foi causado pela falta de material escrito em Tapirapé, e pelas dificuldades nossas diante da língua. Essas dificuldades eram:

- dúvidas com relação à grafia.
- dúvidas com relação à separação das palavras.
- pouco vocabulário.

### 2.8. Experiência com monitores tapirapé:

Com a puberdade aconteceu o seguinte na aula das crianças: as meninas que se tornavam mulheres passavam para a classe das mulheres; a mesma coisa com os meninos que entravam na fase de iniciação. Então a classe da meninada dissolveu-se, permanecendo só a das mulheres e a dos homens

De nossa parte não era desejo começar uma nova turma de crianças. Além das dificuldades da barreira linguística, comprovamos na prática o que está na apostila do Melliá\*

\* "Educação Indígena e Alfabetização"- B. Melliá, pag.102, 4.4.2.



"Algumas experiências mostram que a alfabetização é mais rápida quando o alfabetizando é adolescente", pois a sua formação sócio-linguística já é mais completa que na criança menor.

Entretanto a Funai começou a fazer pressão para colocar professor seu dentro da aldeia Tapirapé. O argumento usado era: "os professores da Missão não dão aulas para as crianças". Isso urgiu a criação de uma nova classe de crianças, com uns 30 alunos desde alguns com 6 anos até 10- 11 anos. Decidido de acordo com os Tapirapé que as professoras seriam duas monitoras tapirapé. Acharam melhor assim pois se fosse um rapaz a assumir necessariamente deixaria a roça de lado, a pesca, etc.

Procuramos fazer o trabalho de acompanhamento das duas monitoras. Porém com muitas falhas de nossa parte, especialmente no que se refere à metodologia e didática. Muitas vezes queremos que elas se conduzam na aula exatamente como estamos acostumados a fazer, sem respeitarmos o método de ensino Tapirapé.

Esta classe de crianças está só com alfabetização em Tapirapé e um início de matemática. O que sentimos ser uma barreira muito grande é o fato de que na escola o ensino é sistematizado e parcelado. Os conhecimentos estão divididos em "porções" de saber: um pouco de matemática, um pouco disso, outro pouco daquilo. Isso contraria muito o processo global de aprendizagem que os alunos estão vivendo fora da escola.

Nessa turma de crianças procura-se respeitar ainda mais a liberdade e espontaneidade da meninada. Quando estão cansados, dizem: "estamos cansados e vamos embora". E a aula termina.

Dentre as atividades desenvolvidas na aula, uma das preferidas é o desenho, e os novos materiais - lápis de cor, guache, aquarelas são bastante apreciados.

A experiência com as duas monitoras indígenas revelou que a alfabetização realmente é muito mais eficaz quando se fala a mesma língua e se vive dentro do mesmo universo cultural.

### 3. AVALIAÇÃO GERAL DA ESCOLA.

\* O que significa a escola dentro da aldeia Tapirapé?

Dentro dos objetivos propostos a escola cumpriu efetivamente sua função. Como dissemos atrás, esses objetivos eram: conscientização, revitalização da cultura, defesa diante do tori.

- a escola foi um ponto de partida para a participação dos Tapirapé nas Assembléias de Líderes Indígenas. É um espaço auxiliar para tomada de posições diante dos problemas enfrentados pelos Tapirapé - a demarcação da reserva por ex. - sem contudo substituir a reunião diária do terreiro da takãra, onde são tomadas todas as decisões.

- os Tapirapé mais conscientes dos direitos também adquiriram maior facilidade para se comunicar com o tori (já não se deixam enganar mais tão facilmente).

- Segundo testemunho das irmãs, a escola contribuiu a partir das discussões sobre o valor da cultura, dos Tapirapé como Povo, para incentivar a realização de festas, a reconstrução da takãra, etc.

Do ponto de vista Tapirapé, não podemos dizer até onde a escola atingiu suas aspirações, pois não foi feita uma avaliação com eles. Numa observação que fizeram, acharam o tempo de aprendizado longo: "Tori aprende ligeiro, tapirapé custa muito para aprender"

\* A escola como fator de mudança cultural.:

Embora nossa proposição seja a de oferecer escola apenas como um instrumento a mais para os Tapirapé, na prática sabemos que isto não acontece, por ser ela uma instituição tipicamente tori, incidindo diretamente no processo de educação das pessoas.

O fato de sermos professores de fora com uma cultura diferente da dos Tapirapé, faz com que a escola esteja mesclada de nosso padrão cultural. Podemos detectar sinais de mudança na cultura sobre os quais a escola provavelmente exerceu influência:

- os jovens conduzem a "política externa". São eles que vão à Brasília, falar com a Funai, etc.. Isso modifica a estrutura de poder tradicional, onde o conselho dos velhos detinha o papel preponderante.

- A escola tori educa para uma sociedade em mudança, por isso ela se torna um elemento de contradição, principalmente com relação aos mais velhos.

- A escola ajuda a introduzir o padrão tori do valor material das coisas. No ensino da matemática por exemplo com a quantificação das coisas.

Atualmente questionamos a escola tal como está montada, com prédio tori, mobiliário, material didático, tudo trazido do mundo branco, concentrado ali naquela entidade estranha, pela qual passa diariamente grande parte dos indivíduos da aldeia. Em termos perspectivas, pensamos que a escola poderia ser mais diluída na vida da aldeia, inclusive com os próprios pais assumindo a alfabetização.

São Félix do Araguaia, 24 de maio de 79.

Relatório elaborado para a V Assembléia Regional Cimi- MT.

Luiz Gouvêa de Paula

Eunice Dias de Paula.